

Cobras e Dragões: As feras da folia carnavalesca de São Leopoldo (RS)

Snakes and Dragons: the carnival beasts in São Leopoldo (RS)

Leonardo Soares da Rosa*
Magna Lima Magalhães**
Claudia Schemes***

Resumo

O estudo aborda a presença dos blocos carnavalescos “Os Cobras” e “Os Dragões”, ambos da cidade de São Leopoldo, no Vale dos Sinos (RS) e sua relação com a festa carnavalesca da localidade. Busca-se a partir da narrativa oral o recordar e o contar de sujeitos que vivenciaram experiências diferenciadas e acionam a partir de suas lembranças a participação, bem como suas percepções acerca dos blocos carnavalescos em estudo. Entende-se que as narrativas apresentam significados individuais relacionados à vivência e a subjetividade de cada indivíduo. Também lançamos mão da revista local, *Rua Grande* como forma de trazer à tona elementos históricos que possibilitem pensarmos a folia carnavalesca dentro de um cenário local e suas singularidades.

Palavras-chave: blocos carnavalescos, vivências, história oral, festa.

Abstract

This study addresses the presence of the Carnival blocks named “Snakes” and “Dragons”, both from the city of São Leopoldo, in the *Vale dos Sinos* (RS) and their relation with the Carnival party. Research made from the oral narrative and memory of subjects who had differentiated experiences as well as their perceptions about the Carnival blocks in study. It is understood that the narratives feature individual meanings related to experience and subjectivity of each individual. We also used the local magazine, *Rua Grande* as a way of bringing up historical elements to think about the Carnival festivities inside a local scenery and its singularities.

Keywords: carnival blocks, experiences, Oral History, festivity.

* Mestre em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale. Professor do curso de Tecnologia em Fotografia da Universidade de Santa Cruz do Sul. E-mail: leonardorosa.foto@gmail.com

** Doutora em História pela UNISINOS. Professora do curso de História e do PPG em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. E-mail: magna@feevale.br

*** Doutora em História pela USP. Professora do curso de História e do PPG em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. E-mail: claudias@feevale.br

Introdução

O carnaval é um fenômeno cultural que possibilita muitas reflexões sobre suas múltiplas manifestações na sociedade brasileira. Carregadas de significados sociais as festas há algum tempo figuram entre diferentes áreas de conhecimento resultando em trabalhos que discutem e abordam o tema como foco central. Neste sentido, a festa carnavalesca neste estudo, é percebida como cenário constituído de conflitos, negociações e códigos sociais, sendo assim, entendemos o carnaval como um “instrumento de conhecimento satírico, lírico e épico, para os grupos na sua complexidade; instrumento de ação eventualmente modificadora, no sentido de uma mudança social e de um progresso possível, quanto à sociedade no seu conjunto.”¹

A ideia de ação modificadora pode ser encontrada também em Mikhail Bakhtin², quando o autor diz que a carnavalização é a inversão do cotidiano, ou seja, é um rito de abundância em meio à pobreza, de alegria em meio à tristeza. Para o autor, o carnaval é a instrumentalização do riso, da festa, a superação do passado.

Peter Burke³ corrobora com Bakhtin argumentando que o carnaval se opõe à vida cotidiana e pode ser considerado uma representação do mundo, mas este de ponta cabeça. Para o autor, “os homens nas sociedades tradicionais vivem da lembrança de uma festa e da expectativa da próxima.”⁴

No entendimento do autor, as festas de um modo geral se aproximam sempre do carnaval, como se fossem carnavais menores, local onde se expressam os sentimentos mais vivos da comunidade. Estas festas populares adquirem um caráter de subsistência e de luta diária, o que caracteriza mais do que simplesmente um rito de alegria ou zombaria.

As ideias de Bakhtin e Burke nos ajudam a refletir sobre esta festa popular, entretanto, este trabalho não se propõe a discorrer e abordar sobre o histórico e origens do carnaval em âmbito nacional, haja vista que inúmeros estudos⁵ trazem reflexões e discussões fundamentais sobre o tema carnaval,

¹ SOIHET, Rachel. “Reflexões sobre o Carnaval na Historiografia: algumas abordagens”. In: *Revista Tempo*, v. 7, 1999, p. 14.

² BAKHTIN, Mikhail. *A cultura Popular da Idade Média e no renascimento, o Contexto de François Rabelais*. São Paulo, Hucitec/UNB, 1987.

³ BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁴ *Ibidem*, p. 203.

⁵ São exemplos de estudos sobre a temática do Carnaval: SOIHET, Rachel. *A Subversão pelo Riso: estudos sobre o carnaval carioca da belle-époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. GERMANO, Iris Graciela. O carnaval no Brasil: da origem europeia à festa nacional. In: *Caravelle*, n. 73, 1999. pp. 131-145. FERREIRA, Felipe. *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

os quais servem de referência para este estudo. Nosso interesse está centrado em evidenciar aspectos históricos da trajetória, bem como a formação e o protagonismo de dois blocos carnavalesco: “Os Cobras” e “Os Dragões”, que se constituíram na Sociedade Orfheu e a na Sociedade Ginástica, na cidade de São Leopoldo⁶, no Vale dos Sinos (RS).

A partir da narrativa oral e entendendo-as como fontes orais permeadas por diferenças individuais, trabalha-se com a perspectiva de que “a história oral e as memórias, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias”⁷. A oralidade destaca e centra sua análise na visão e na versão dos atores sociais, ou seja, é no âmbito subjetivo da experiência humana que se fundamenta esse método de pesquisa histórica.⁸

Dessa forma, o significado da experiência está associado ao ato de recordar, contar e interpretar. Sendo assim, acionamos atores sociais, que vivenciaram experiências que estão carregadas de significados⁹.

Entende-se que história e memória se constituem em cenários culturais privilegiados, pois são distintas e radicalmente imbricadas¹⁰ e que “o instrumento socializador da memória é a linguagem [...] e as convenções verbais produzidas em sociedade constituem o quadro ao mesmo tempo mais elementar e mais estável da memória coletiva.”¹¹

Neste estudo contamos com as vivências e experiência de três entrevistados¹² que a partir de suas interpretações nos instigam a pensar sobre a importância da organização dos blocos carnavalescos em meio a uma tessitura social específica. Como forma de pensar acerca dos Dragões e dos Cobras, em âmbito local recorre-se também a uma mídia reconhecida e presente por muito tempo na localidade leopoldense, a Revista Rua Grande¹³, que entre

⁶ Cidade localizada no sul do Brasil, recebeu os primeiros imigrantes alemães chegados no Rio Grande do Sul, no ano de 1824.

⁷ PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, vol.1, n.2, 1996. p. 8.

⁸ LOZANO, Jorge E. A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaína; MORAES, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da história oral*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p.15-26

⁹ PORTELLI, op. cit., p.9.

¹⁰ NEVES, Margarida de Souza. Nos compassos do tempo. A História e a cultura da memória. In: SOHIET, Rachel; ALMEIDA, Maria Regina C; AZEVEDO, Cecília; GONTIJO, Rebeca. (orgs.). *Mitos, projetos e práticas políticas*. Memória e Historiografia. Ed: Civilização Brasileira, 2009. p. 26.

¹¹ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 56

¹² Ao apresentar trechos das narrativas orais optamos por deixar a redação conforme gravação realizada com exceção de pequenos ajustes na pontuação.

¹³ A revista iniciou em 1965 com Solon Pereira da Cruz; uma publicação quinzenal distribuída nas manhãs

outras informações colocava em relevo a participação dos blocos na festa carnavalesca da cidade, bem como em outras cidades como Porto Alegre.

Segundo Germano, “o carnaval chegou ao Brasil trazido pelos portugueses e desde a época da colonização foi uma das festas contidas no calendário cristão.”¹⁴ As famílias patriarcas festejavam o carnaval a partir do entrudo que consistia em brincadeiras de batalhas em que limões, lama, líquidos perfumados eram atirados nos participantes. O entrudo caracterizou os festejos até o século XVIII no Brasil, sendo uma prática da elite em que outros indivíduos como os negros, por exemplo, participavam somente como carregadores de água, limões, entre outros¹⁵. A partir do século XIX o entrudo tornou-se uma prática mais popular e gradativamente distanciou-se dos setores elitizados da sociedade.

É importante salientar, entretanto, que o entrudo, praticado por negros e pobres, coexistiu com as práticas mais elitizadas que não conseguiram eliminar estas brincadeiras no século XIX.

A este respeito Cunha informa que houve tentativas de controlar as brincadeiras populares, principalmente o entrudo, através dos desfiles das sociedades carnavalescas, entretanto, o entrudo e o carnaval nas ruas aprenderam a “organizar-se em formas coletivas de brincar com os cordões e ranchos carnavalescos [...] e conviveram lado a lado com a anarquia das velhas brincadeiras avulsas, invadindo sem cerimônia o espaço nobre da festa.”¹⁶

Cunha ainda informa que havia um projeto pedagógico e civilizatório das elites no final do século XIX de transformar as práticas populares em um “carnaval europeu”. A esse respeito diz:

Tanto como a presença da densa multidão desclassificada e suas formas de brincar, com as quais as sociedades eram obrigadas a conviver nas ruas, a mistura social constatada nos bailes públicos provocava imenso desconforto e incômodo nos idealizadores do Carnaval “veneziano” no Rio de Janeiro – que, desde o final da década anterior, haviam abandonado os teatros para divertir-se apenas nos bailes fechados de suas próprias sedes.¹⁷

de sexta-feira. Em 1972 recebeu outro formato e continuou circulando na cidade de São Leopoldo. A revista encerrou suas atividades no ano de 2013. Disponível em: <https://angelavirtuoso.wordpress.com/>. Acesso em: 13/09/2016.

¹⁴ GERMANO, op. cit., p.131.

¹⁵ GERMANO, Iris Graciela. *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40*. Dissertação de mestrado. PPG de História/UFRGS, Porto Alegre, 1999 (a).

¹⁶ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia. Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, p.86

¹⁷ *Ibidem*, p.93

Ferreira¹⁸ menciona uma diferenciação entre o entrudo familiar que ocorria em uma determinada residência entre indivíduos de mesma família, e o entrudo envolvendo “basicamente a população mais pobre e os escravos” (popular). O autor ao trazer à tona a brincadeira informa que “a ideia do divertimento, tomaria conta de praticamente todas as principais cidades brasileiras a partir do século XVII.”¹⁹

Ao que tudo indica o entrudo também fazia parte do carnaval em São Leopoldo. Em 1897 as brincadeiras nas ruas eram avaliadas como excessivas e causadoras de desordem e como tal motivaram reclamações oriundas das “famílias de bem” que denunciavam para as autoridades as “imundas exposições carnavalescas”²⁰. Com o desenvolvimento das cidades no século XIX, o entrudo se popularizou e ocupou outros espaços como becos e arrabaldes, “causando apreensão no poder público, que via na popularização dos festejos a possibilidade de perda de controle sobre os segmentos populares.”²¹

O temor das autoridades em relação à falta de ordem, nos remete mais uma vez a Bakhtin, quando o autor diz que o cômico é o princípio que liberta os homens da “mesmice”, ou seja, da sociedade estática e conservadora e o riso é um elemento universal e satírico, faz parte da festa e não exclui o cidadão do mundo. O riso e a festa são elementos do carnaval, este carnaval celebra o aniquilamento do velho mundo e o nascimento do novo. Os dois convivem, e o carnaval torna-se o mundo às avessas, o riso age então, sobre o questionamento da autoridade.

[...] o riso foi enviado à terra pelo diabo, apareceu aos homens com a máscara da alegria e eles o acolheram com agrado. No entanto, mais tarde, o riso tira a máscara e começa a refletir sobre o mundo e os homens com a crueldade da sátira.²²

Não podemos deixar de mencionar que no século XIX, principalmente a partir de metade do século diferentes cidades brasileiras como Rio de Janeiro e Porto Alegre passavam por um processo de modernização, sendo que a Europa servia como referência, principalmente, Paris. Desta forma, os novos

¹⁸ FERREIRA, op. cit., 2004, p. 81.

¹⁹ Ibidem, p.80.

²⁰ FERREIRA, Athos Damasceno. *O carnaval porto-alegrense no século XIX*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970. p. 119-120.

²¹ GERMANO, op. cit., p.132.

²² BAKHTIN, op. cit. P.34

costumes adotados na capital Porto Alegre serviam como referência para as cidades mais próximas, como São Leopoldo e Novo Hamburgo²³.

Lazzari (2011), entretanto, defende que também no carnaval de Porto Alegre houve uma tentativa das elites em controlar a “festa popular” afirmando:

Na opinião predominante da imprensa porto-alegrense do início do século XX, não havia dúvida de que o carnaval era uma ‘festa popular por excelência’, só que o papel desejado para a participação da grande maioria da população não era mais do que o de mera coadjuvante ou expectadora.²⁴

Em meados do século XIX São Leopoldo contava com uma camada elitizada formada por comerciantes e industriais artesãos de origem teuta e vinculados ao crescimento urbano local²⁵.

A modernização do espaço urbano não deixou a festa carnavalesca de fora, entretanto, a partir de 1873, se estabeleceu um novo formato de festa: os desfiles e bailes das sociedades que somados as novas configurações sociais e urbanas inibiam as práticas do entrudo²⁶.

Para Leal, as sociedades Esmeralda e Venezianos em Porto Alegre foram criadas com o objetivo de “abolir o entrudo dos hábitos da cidade.”²⁷ A brincadeira que já não mobilizava a elite caiu no gosto dos populares, entretanto, pelo seu caráter festivo e extrovertido nos espaços públicos não condizia com a modernidade que se estabelecia em diferentes localidades do Brasil, haja vista seu caráter popular ser associado à desordem.

Neste sentido, de acordo com Carvalho²⁸, a sociedade leopoldense buscou estabelecer uma relação mais europeia com o carnaval como já ocorria no Rio de Janeiro e em outras grandes cidades brasileiras. A inspiração vinha do carnaval francês, em detrimento do entrudo português.

²³ LEAL, Caroline P. Porto Alegre carnavalesca: o entrudo através do olhar imagético. In: *História, imagem e narrativas*, n. 5, ano 3, setembro/2007. p. 61.

²⁴ LAZZARI, Alexandre. Coisas para o povo não fazer. Carnaval em Porto Alegre (1870-1915). Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p.231.

²⁵ WEBER, Roswithia; RAMOS, Eloísa Helena C. da Luz. Sociabilidades nacionalizadas: Clubes sociais no sul do Brasil no contexto da primeira Guerra Mundial. *Revista de História Regional*. Vol. 20, n. 1, 2015. p. 149-164.

²⁶ FERREIRA, op. cit., 1970.

²⁷ LEAL, op. cit., p. 2.

²⁸ CARVALHO, Ramão Edonil Dauinheimer de. *A História do Carnaval de São Leopoldo Através da Imagem: um resgate histórico do carnaval leopoldense*. São Leopoldo: Unisinos. [Trabalho de conclusão de Curso em História] 2010.

É também neste período que se inauguraram em São Leopoldo²⁹ os primeiros clubes da cidade frequentados pela elite. Para a entrada nos clubes, o candidato deveria ter o aval de um sócio proponente, que se responsabilizava pelo indicado, “tendo este candidato a necessidade de contribuir com uma joia para entrar na Sociedade.”³⁰ Desta forma, o critério seletivo passa também pela condição econômica do candidato e associado.”³¹ Assim, se constituíam espaços de sociabilidade, de encontro de políticos e lideranças locais.

Os Cobras do samba: um tricampeão

A partir da fusão de dois tradicionais cordões carnavalescos existentes, no final da década de 1950, o “Los Cubancheros”, da Sociedade Orpheu e os “Namorados da Lua”, da Sociedade Ginástica São Leopoldo formou-se, em 1º de março de 1957, a “Sociedade Carnavalesca Os Cobras”³². Arci Rodrigues³³, um dos cofundadores do bloco, explica que apresentava-se na Sociedade Orpheu, um bloco composto de 16 a 20 integrantes e uma rainha caracterizados com fantasias alusiva aos cubanos (“Los Cubancheros”). Conforme o carnavalesco, na Sociedade Ginástica Leopoldo, em 1954, neste mesmo ano, foi fundado o bloco “Namorados da Lua”, por dois de seus irmãos, junto com Luis Carlos Kemmer, o “Queimado”.

A partir de 1956, a disputa entre os blocos carnavalescos e sua participação na festa local tomou outro rumo, conforme o relato de Arci Rodrigues:

Em 1956, eles (Namorados da Lua) ganharam o carnaval de nós (na época Rodrigues saía no Los Cubancheros), e como meus irmãos eram dos “Namorados da Lua” e o “Queimado” também, resolvemos fundir os dois blocos. Foi no dia 1º de março de 1957, às 16 horas da tarde, em reunião no Café Comercial, em São Leopoldo, e desde a fundação a diretoria ficou com o Paulo Sérgio Scherer,

²⁹ A partir do ano de 1840, São Leopoldo apresentava um crescimento econômico significativo. Em 1846 tornava-se Vila e em 1864 foi elevada à categoria de cidade.

³⁰ Eram associações de cunho teuto-brasileiro e tinham entre outros objetivos a preservação de costumes. A concepção de uma germanidade teuto-brasileira (significado mais próximo, em português, da palavra *Deutschbrasilianertum*) está vinculada à ideia do pertencimento nacional pelo direito de sangue [...] *Deutschbrasilianertum*, como ideologia étnica, traz consigo uma inequívoca proposta de pluralismo étnico-cultural – cada grupo de imigrantes com direito de manter seus costumes, cultura e língua, e todos igualmente cidadãos brasileiros. SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (orgs). *Os Alemães no sul do Brasil*. Canoas: ULBRA, 1994. p. 18.

³¹ RAMOS, Eloísa; FIALKOW, Miriam; EGGERS, José. *Sociedade Orpheu – Da História de um nome a identidade de um clube*. São Leopoldo: Sociedade Orpheu, 1998. p. 24.

³² Cobra era associado a quem era bom de samba, fera no samba.

³³ Arci Rodrigues: Artista plástico, designer e um dos fundadores do bloco Os Cobras. Esteve presente na conquista do Tri Campeonato Estadual do Bloco.

Arci Rodrigues e o Luis Carlos Kemmer. Mudamos o estatuto do bloco, ao invés de um presidente a gente tinha três, e assim, juntamos os dois blocos.³⁴

Para compreender a origem dos Cobras no contexto carnavalesco leopoldense, faz-se relevante o estudo de Carvalho, intitulado “A História do Carnaval de São Leopoldo através da Imagem: um resgate histórico do carnaval leopoldense”, que traz o depoimento de Arci Rodrigues, realizado em 12 de junho de 2010, sobre o carnaval na cidade e a fundação do bloco. Conforme o depoente, antes da fundação dos Cobras o carnaval, em São Leopoldo, mais ou menos até 1930 caracterizava-se pelos desfiles do curso organizados pela elite da cidade.³⁵

Carvalho³⁶, a partir das informações de Rodrigues, menciona que os blocos de negros se “armavam” para o desfile nas proximidades da atual Praça da Biblioteca. O desfile ocorria até as proximidades da Rua Lindolfo Collor e depois retornavam até o ponto de origem. O autor assevera que “de um lado da Avenida Independência (avenida principal da cidade) ficavam os de etnia branca, do outro, os de etnia negra, mas sem uma regra estabelecida, era uma espécie de identificação por afinidades.”³⁷

Arci Rodrigues, em seu depoimento para este estudo, em 2015, menciona que em São Leopoldo, os blocos tiveram origem nos clubes frequentados por pessoas de classe A, sendo que os primeiros blocos de carnaval desfilavam sem instrumento, assim esclarece Rodrigues:

Eles faziam um conglomerado de gente, 15 a 20 pessoas, colocavam fantasias, eram os ricassos de São Leopoldo: os Justos, Ostermaier, Weimann. As famílias faziam os blocos e saíam a desfilhar [...], mas não tinham instrumento. Quem introduziu os instrumentos foi o ‘Los Cubancheros’, lá no Orpheu em 1954.³⁸

Diante deste novo momento do carnaval na cidade, os blocos das grandes sociedades em São Leopoldo desciam a Rua Grande (atual Avenida Independência), já que na época não existia a Av. João Correa, seguindo até a frente da prefeitura. Roteiro diferente dos conhecidos blocos de negros,

³⁴RODRIGUES, Arci. *Arci Rodrigues: depoimento* [jan. 2015]. Entrevistador: Leonardo Soares da Rosa. São Leopoldo. RS, 2015.

³⁵A diversidade do desfile de curso na cidade de São Leopoldo pode ser verificado a partir das imagens/fotografia apresentadas no trabalho de Carvalho (2010), sendo que a maioria das imagens estão localizadas no acervo do Museu do Imigrante em São Leopoldo

³⁶CARVALHO, op. cit.

³⁷Ibidem, p. 71.

³⁸RODRIGUES, Arci. *Arci Rodrigues: depoimento* [jan. 2015].

que também chamavam atenção e influenciavam os carnavalescos da elite da época, como assevera Arci Rodrigues:

O nosso roteiro era diferente do roteiro dos blocos de negros, precursores das escolas de samba. Eles subiam uma ruas antes da prefeitura no sentido da Rua Grande (Independência). Eles tinham em seu trajeto coisas diferentes e que chamavam muito a atenção, entre elas o “remelexo”³⁹ e acabamos copiando deles.⁴⁰

A partir deste relato, pode-se verificar que o carnaval em São Leopoldo, a exemplo de outros espaços, como Porto Alegre, também teve seu início por meio das elites através da tutela dos grandes clubes, que tinham o intuito de moralizar a folia e padronizar a forma de brincar o carnaval, fato que também ocorre no Vale do Sinos.

Este caso, por exemplo, manifesta-se como um processo semelhante ao entrudo, sendo que neste, de acordo com os relatos de Rodrigues, os negros eram os precursores pela forma ousada de desfilar, competindo aos clubes de elite absorverem esta forma e adaptarem-se aos festejos de maneira organizada dentro das sociedades, criando seus próprios cordões oficiais ou estimulando seus associados à formação de um bloco.

De acordo com as lembranças de Rodrigues, desde sua criação, o bloco dos Cobras tinha como meta ser independente e apresentar coisas diferentes e com qualidade, para tanto o bloco tinha o “Livro de Ouro”.⁴¹ “Éramos independentes, não existia verba da prefeitura como hoje, a gente fazia o livro de ouro todo ano e saía para juntar dinheiro”, afirma o carnavalesco.

A partir de 1958, as fantasias dos integrantes do bloco passam a ser confeccionada pelo estilista e carnavalesco Cattani⁴² que também trabalhava na confecção de fantasias para os foliões e carnavalescos de Porto Alegre e Rio de Janeiro. Conforme o entrevistado não havia remuneração, mas uma troca entre as partes. “Tínhamos um acordo[...] trocávamos as fantasias por alguma coisa que ele precisava.”

³⁹ O remelexo é uma personagem que vinha a frente dos grupos, chamando atenção com coreografias, caretas, fantasias diferentes, correspondente a um passista atual. Nos anos 1930 e 1940, aconteciam concursos nos coretos com prêmios para os melhores remelexos.

⁴⁰ RODRIGUES, Arci. *Arci Rodrigues*: depoimento [jan. 2015].

⁴¹ O Livro de Ouro era um documento importante que cada agremiação possuía, com o intuito de registrar as contribuições vindas de comerciantes e empresários, em prol do bloco ou sociedade. Para muitos membros da comunidade, ter seu nome vinculado ao Livro de Ouro era motivo de muita honra.

⁴² Dyrson Cattani, estilista e carnavalesco teve seu apogeu nas décadas de 1950 e 1960. Foi o primeiro artista a elaborar fantasias para as escolas de samba de Porto Alegre.

O bloco “Os Cobras” fundado na Sociedade Orpheu em 1957, permaneceu representando a sociedade nos dois anos consecutivos a sua fundação com a denominação de “Clube dos Cobras”, e tendo como símbolo e representação a cartola, as luvas e um pandeiro no seu estandarte (conforme a Figura 1), lembrando os grandes intelectuais e fazendo referência na forma de ser “Cobra” na arte do samba, reinventando-se nos desfiles.⁴³

Figura 1 - Primeiro logo dos Cobras no carnaval de 1958.



Fonte: Acervo pessoal de Arci Rodrigues.

Algumas mudanças ocorreram principalmente no final dos dois anos de fundação, o bloco transferiu-se para a sede náutica do Clube Náutico Iguassú⁴⁴ e um novo logotipo começou a ser pensado.

Sobre o a alteração do logotipo Arci Rodrigues assevera:

Nós somos o único bloco. [...]. Somos a única agremiação de carnaval do Brasil que tem o logotipo: marca registrada. Nem as escolas de samba do Rio e de São Paulo tem. Eles não chegaram a este ponto. Aquele 'errezinho' está nos altos dos livros de registros do INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial).⁴⁵

E explica o significado atribuído a cada elemento que compõe a figura.

⁴³ RODRIGUES, Arci. *Arci Rodrigues: depoimento* [jan. 2015].

⁴⁴ Em São Leopoldo, foi fundado o Club Náutico Itapuhy, feito fusão com o Clube Atlético Iguassú (fundado em 19 de setembro de 1940) em 04 de maio de 1953, surgindo então o Clube Náutico Iguassú. Este foi incorporado à Sociedade Orpheu em 01 de dezembro de 1976.

⁴⁵ RODRIGUES, Arci. *Arci Rodrigues: depoimento* [jan. 2015].

Este logotipo eu que criei, ele tem cinco pontas. Saindo do peito da águia, e puxando uma linha até o pé esquerdo, ela está segurando um pandeiro e na outra uma cuica. No brasão americano essa águia está virada para o lado direito, em uma mão ela segura um ramo de oliveira e na outra um monte de flechas. Onde era flecha nós colocamos o pandeiro, onde era oliveira a gente pôs a cuica. Mas ninguém sabia isso. [...]. Se você pegar do peito da águia e abrir uma linha em direção à asa esquerda e depois direita, e do peito da águia fazer uma linha para cima e duas em direção ao pandeiro e a cuica, ela forma o número 5, é um pentágono, formando uma ponta de estrela. Subliminarmente tem uma estrela por trás dela. A cobra, ela faz uma volta ao redor da águia e está tentando guerriar contra a águia americana, só que ninguém sabia disso. O “S.C.” significa Sociedade Carnavalesca e as três estrelas nós começamos a usar logo depois que a gente foi Tri Campeão Estadual.⁴⁶

Abaixo a criação do carnavalesco, conforme seu relato, inspirado na águia americana, mas com características brasileiras e carnavalescas. O logotipo figurava estampado em camisas, envelopes, adesivos, materiais impressos oficiais e até hoje é lembrada e uma marca importante do bloco. Destaca-se as cores que se tornaram oficiais do bloco, o vermelho e branco. Cabe ressaltar a presença da águia na representação a partir novo logotipo que pode ser associada a significativa influência do *American way life* no cenário brasileiro pós-guerra (1939-1945).

Figura 2 - logotipo oficial de “Os Cobras”.



Fonte: Acervo pessoal de Arci Rodrigues.

Em sua narrativa acerca do bloco e do carnaval, Rodrigues menciona que o encontro entre os integrantes d’Os cobras e músicos cariocas mudou

⁴⁶ RODRIGUES, Arci. *Arci Rodrigues: depoimento* [jan. 2015].

a concepção de carnaval que os integrantes tinham na época. O contato com os sambistas do Rio de Janeiro também é lembrado como um momento importante de conhecimento e aprendizado, já que possibilitou lições sobre samba e carnaval, principalmente no tocante a organização e ao formato das escolas de samba do Rio de Janeiro. Dentre as lições, a mais significativa, de acordo com o depoente foi entender que a bateria é o coração de uma escola ou de um bloco.

Conforme Ferreira a partir dos anos de 1940 ocorre, “o fabuloso crescimento da folia carioca com suas escolas de samba adquirindo uma projeção cada vez maior, faria com que este continuasse sendo o modelo para as festas carnavalescas nas diversas cidade dos país.”⁴⁷

Sobre a troca de experiência e conhecimentos a partir do contato com carnavalescos do Rio de Janeiro o sambista menciona:

Nós tínhamos um patrono chamado Carlos Bier, um magnata de São Leopoldo, e na época veio um conjunto de samba do Rio de Janeiro para se apresentar na Sociedade Orpheu em julho. E o seu Carlos convidou eles para ficarem aqui até dezembro, para ensinar a gente a tocar samba. E eles ficaram, teve uns que trouxeram até mulher! Seu Carlos Bier patrocinou a estadia deles aqui, arrumou lugar para eles ficarem e tudo. Foi aí que nos ensinaram os oito tempos.⁴⁸

Após esta estadia dos cariocas ensinando samba, “Os Cobras” tiveram uma ruptura com a Sociedade Orpheu, fato que transformou e mudou os rumos da história do bloco e, possivelmente transformando um pequeno bloco carnavalesco em um dos grupos de maior expressão do carnaval leopoldense e gaúcho.

Depois que nós saímos do Orpheu para ir para o Clube Náutico Iguassú, eles fundaram o ‘Cordão Oficial do Orpheu’, mas que a gente dava de 100x0 neles, porque a gente evoluiu e eles ficaram com um bloquinho copiando aqueles antigos blocos de sociedade, meia dúzia de gato pingado e quatro ou cinco na bateria. Nós tínhamos bateria de 180 a 210 componentes, nós crescemos mesmo[...].⁴⁹

Entre as divergências que culminaram na saída dos Cobras da Sociedade Orpheu, sendo este um bloco composto por membros da elite leopoldense de maioria branca, Rodrigues relata com grande emoção o momento e os motivos do afastamento e destaca o ano que o primeiro negro ingressou no bloco:

⁴⁷ FERREIRA, op. cit., 2004, p. 352.

⁴⁸ RODRIGUES, Arci. *Arci Rodrigues*: depoimento [jan. 2015]

⁴⁹ *Ibidem*

A nossa origem foi toda de branco, o primeiro negro a entrar no Cobras foi Dagoberto Goulart, em 1965. Só que a gente não tinha preconceito, sabe que o cara do samba não tem preconceito, né? Só que o Orpheu tinha preconceito ainda. E aconteceu um caso quando a gente estava sediado no Iguassú. Porque nós saímos do Orpheu como 'bloco de branco' e fomos para o Iguassú como 'bloco de branco', aí teve um dia que o Dagoberto apareceu lá. [...]. E falamos Dagoberto tu vai fechar com nós aqui, tu vai ser codiretor de bateria. [...]. Aí ele foi, e quando chegamos no Orpheu, o presidente viu que tinha um negro no meio e ele falou: Não, vocês não vão entrar! E tu sabe o que a gente fez? A gente fez samba na frente do Orpheu e o pessoal de dentro do clube saiu para nos acompanhar lá fora.⁵⁰

Diante da afirmativa de Rodrigues, acerca da situação de retirada do bloco "Os Cobras" da Sociedade Orpheu, pode-se ter uma pequena dimensão da invisibilidade e exclusão aos quais os negros eram submetidos, perante as atividades mais corriqueiras na localidade leopoldense naquela época, não diferente de outras localidades do Brasil

Arci Rodrigues, em suas memórias e, principalmente após as recordações acionadas sobre a entrada do primeiro negro no bloco os Cobras traz à tona a questão racial presente no cotidiano de diferentes localidades gaúchas e aciona uma das estratégias que os negros lançavam mão para lutar contra o racismo: a organização de associações negras. Na fala do depoente, ao recordar uma gama de significados, vem à tona sensibilidades, haja vista que o entrevistado a partir de sua leitura afirma que o "preconceito era forte". Nas palavras de quem testemunhou o preconceito, ele afirma:

Olha cara, o preconceito era forte, tu não conhece, mas eu conheci o preconceito! Até na minha cidade em Cachoeira do Sul⁵¹, tinha uma rua com duas calçadas, branco andava do lado de cá e preto do lado de lá, do outro lado. Isso eu vi! Ninguém me falou, eu vi. E em São Leopoldo tinha, mas não tão forte como eu vi em Cachoeira. Tanto que aqui em São Leopoldo os negros já tinham um clube. Mas o bloco mais forte de descendência africana aqui na região e no estado já era o "Cruzeirinho"⁵².

As lembranças de Rodrigues remetem a um tempo em que os espaços sociais eram distintos para negros e brancos, o que refletia também nas festividades carnavalescas e na sua organização. Conforme Paré, "há um racismo

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ Cidade gaúcha localizada no centro do estado.

⁵² Sociedade Cruzeiro do Sul ou "Cruzeirinho", como carinhosamente é conhecida, é a primeira associação negra fundada na região do Vale do Sinos em 1922.

histórico implícito nas relações em nosso país, expressando, nas mais diversas formas, uma pretensa superioridade branca e uma inferioridade negra. [...]”⁵³

Sobre os espaços distintos em localidade do Vale dos Sinos, Magalhães⁵⁴, destaca que em Novo Hamburgo teatro, clubes, cinema e salões de baile eram proibidos aos indivíduos negros. Quando a entrada era permitida, como no cinema, por exemplo, os lugares eram definidos, ocorrendo uma separação. O esporte não ficava à margem do cenário segregacionista com espaços para brancos e negros, já que nos times de futebol de grandes e pequenos clubes, não era permitido o ingresso de negros⁵⁵. Sem chance nos times de “gente de bem”, negros e mulatos organizavam seus próprios espaços fazendo com que a exclusão revertesse em um jogo de estratégias variadas promovendo a superação.⁵⁶

Arci Rodrigues destaca, que após a entrada do primeiro negro no bloco, Dagoberto Goulart, outros começam a participar e integrar o bloco. Logo, “Os Cobras” se tornaria independente, já que retiraram-se também do Clube Náutico Iguassú, porque a Sociedade Orpheu adquiriu a sede náutica do Iguassú, como afirma Rodrigues:

Foi aí que nos correram do Iguassú também, porque o Orpheu comprou a sede náutica do Iguassú. Aí a gente, pô! Já que o “cara” (presidente do Orpheu) não quer preto, vamos sair daqui [...] e eles já tinham fundado o Cordão oficial deles para manter aquele “*status quo*” da burguesia de São Leopoldo. A gente se retirou do Iguassú [...].⁵⁷

De acordo com Dagoberto Goulart, com 16 anos ele foi o primeiro negro a ingressar no bloco “Os Cobras” e também o primeiro a entrar na Sociedade Orpheu. Com uma veia artística precoce, ele já sabia tocar diversos instrumentos, visto que vinha de uma família de músicos oriundos de Pelotas que fixaram residência no Vale do Sinos. A aproximação com colegas e amigos

⁵³ PARÉ, Mariele Leal. *Negro em Preto e Branco: história fotográfica da população negra de Porto Alegre*, 2000. p. 94.

⁵⁴ MAGALHÃES, Magna L. *Entre a preteza e a brancura brilha o Cruzeiro do Sul: associativismo e identidade negra em uma localidade teuto-brasileira (Novo Hamburgo/RS)*. São Leopoldo: Unisinos, [Tese de Doutorado em História] 2010.

⁵⁵ Exemplos de estudos que abordam essa questão: ANDREWS, G. R. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. São Paulo: EDUSC, 1998. DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada. Negro, racismo, e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: SENAC, 2004.

⁵⁶ PESAVENTO, Sandra J. O mundo da imagem: território da história cultural. In: PESAVENTO, Sandra J; ROSSINI, Miriam de Souza (orgs.). *Narrativas, imagens e práticas sociais. Percursos em história cultural*. Porto Alegre: Asterisco, 2008, p. 99-122.

⁵⁷ RODRIGUES, Arci. *Arci Rodrigues: depoimento* [jan. 2015].

estudantes do Colégio São Luís possibilitou o ingresso no bloco carnavalesco. A partir de suas recordações o entrevistado menciona:

Naquele tempo a sociedade leopoldense era muito racista, aqui é o berço da colonização alemã e encontrei dificuldades[...].Mas na época de carnaval o pessoal que frequentava a sociedade(Orpheu) parece que se horrorizava de ver a gente (os negros) dentro do salão comandando ou fazendo parte de um bloco. Mas a gente insistiu.⁵⁸

Nem mesmo com essas limitações impostas pelos associados do clube em não permitirem a presença negra em seu ambiente impediu que a comunidade negra buscasse seu espaço e respeito na sociedade leopoldense. Acompanhando as lembranças de Goulart, o estranhamento por parte de alguns frequentadores do clube, ao ver um negro entrar na Sociedade Orpheu, foi grande. Conforme o depoente: “era muito difícil naquela época porque o pessoal olhava a gente com muita estranheza.”

Dagoberto também foi compositor de dois sambas enredo do bloco “Os Cobras” e lembra com muita emoção dos grandes carnavais e destaca, um dos momentos mais emocionante vivenciado por ele como integrante do bloco: a vitória e a conquista do tricampeonato em Porto Alegre com Cauby Peixoto como puxador do samba. Para quem vivenciou diferentes emoções devido ao seu envolvimento com o momento eternizado pela memória, a palavra “inesquecível”, atribui todo o significado contido na emoção de ter passado por uma experiência singular.

O tempo que estive nos Cobras me deram muitas alegrias, uma delas foi o título de tricampeão do Estado, com Cauby Peixoto e para manter a hegemonia no outro ano trouxemos Agnaldo Rayol. Depois que ganhamos o Tri, nós fomos para a Argentina e lá ficamos 25 dias fazendo shows, foi uma excursão *sui generis* porque desfilávamos pelas ruas de Balcarce todas as tarde, e depois inauguramos o autódromo.⁵⁹

Neste processo de transição, “Os Cobras” chegaram a fixar sede em diversos lugares da cidade, como no Esporte Clube Aimoré, no centro de São Leopoldo, no bairro Santa Tereza, passando depois à condição de escola de samba.

Foi a partir de 1967, período que estavam sediados no Clube Náutico Iguassú, com o tema “Exército do Surf”, que a grandiosidade dos Cobras foi

⁵⁸ GOULART, Dagoberto. *Dagoberto Goulart: depoimento* [fev. 2015]. Entrevistador: Leonardo Soares da Rosa. São Leopoldo. RS, 2015.

⁵⁹ GOULART, Dagoberto. *Dagoberto Goulart: depoimento* [fev. 2015].

além das terras leopoldenses e, oficialmente, iniciou sua participação nas competições de Porto Alegre, organizadas pela EPATUR (Empresa Porto-Alegrense de Turismo)⁶⁰. Neste mesmo ano, o bloco ficou em segundo lugar. Já em 1968, eles foram vice-campeões, perdendo a disputa para seu maior rival, o leopoldense bloco dos “Dragões”, oriundo da Sociedade Ginástica São Leopoldo.

Segundo Arci Rodrigues, o início dos anos 1970 até o fim dos anos 1980 foi o período de apogeu dos Cobras:

O apogeu dos Cobras foi a partir de 1969. Nós marcamos uma reunião no Centro de Carnaval para escolher a ordem dos desfiles lá no concurso estadual em Porto Alegre, eu, Arci Rodrigues, falei ‘nós vamos desfilarmos por primeiro, porque bloco nenhum queria desfilarmos por primeiro, e a gente desfilou com o tema do filme Bonnie e Clyde, fizemos carro alegórico e aquele ano desfilamos todo o bloco em preto e branco. E antes de arrancar, os três presidentes dos outros blocos que iam desfilarmos vieram me parabenizar. A gente bolou uma coisa tão bem bolada que não tinha como alguém nos ganhar.’⁶¹

Este período de inovações resultou em muitos títulos e diversos destaques de capa e matérias especiais nas edições da Revista Rua Grande, que reverenciavam o bloco a cada carnaval, sendo esta divulgação fundamental para o conhecimento geral da comunidade da cultura carnavalesca na cidade. A matéria veiculada em sete páginas da Revista Rua Grande, no ano de 1970, destacava a música, a fantasia, o ritmo, e a apresentação, bem como originalidade que levou “Os Cobras” ao Bicampeonato no Rio Grande do Sul. Ressaltava ainda a “perfeição” do bloco e a conquista pela segunda vez do título de campeão com o tema “O Carnaval era assim”.⁶²

Para Arci Rodrigues a ousadia dos integrantes do bloco e a capacidade de inovar e agregar qualidade possibilitou o sucesso. Segundo o carnavalesco, “o que mais chamava atenção nos desfiles em São Leopoldo e em Porto Alegre era justamente por sermos brancos em maioria e apresentar qualidades na bateria e no conjunto, porque a maioria das escolas em Porto Alegre era de negros, e a gente era tudo filhinho de papai e branco”.

Com o nome consolidado na competição estadual, alguns integrantes do bloco passaram a se destacar e a chamar a atenção das agremiações de Porto Alegre. Considerado o principal rival do “Os Cobras” na época, o bloco carnavalesco dos Gondoleiros de Porto Alegre, a quatro dias para a competição do carnaval de 1971, toma uma atitude que muda a história do carnaval no

⁶⁰ EPATUR como era chamada, corresponde a atual Secretaria de Turismo de Porto Alegre.

⁶¹ RODRIGUES, Arci. *Arci Rodrigues: depoimento* [jan. 2015].

⁶² Revista Rua Grande, 1970.

período e que contribuiu para a trajetória histórica dos “Cobras”. De acordo com sua fala, Arci expõe elementos que motivaram a grande virada:

Em 1971, o Bloco dos Gondoleiros de Porto Alegre pegou nosso intérprete, que na época era o Jaguarão, isso faltando quatro dias para o carnaval e ofereceram uma grana maior para o cara, e ele foi pra lá. E eu na época estava em São Paulo, liguei para o “Queimado” (Luis Carlos Kemmer), aí conversamos e ele falou quem sabe a gente não traz o Cauby Peixoto para puxar o samba? [...] Aí o Jorge, dirigente do “Os Cobras” pegou um avião e foi para lá e a gente foi atrás do Cauby Peixoto. Levamos uma fita com o samba gravado, isso três dias antes do carnaval, e quando chegou na avenida quem estava puxando o samba era o Cauby Peixoto!⁶³

Mais uma vez a presença de Cauby Peixoto causou um sucesso estrondoso, pois o solista vinha na avenida abrindo os braços e cantando, entusiasmado todo o público, assim esclarece o carnavalesco. Conforme o depoente, o ano de 1971 “foi maravilhoso, chegamos ao tricampeonato Estadual”. Em 1972, o bloco foi à Argentina como representante do Brasil, na inauguração do Autódromo de Balcarse.

A participação de Cauby Peixoto no carnaval de 1971 a frente dos Cobras foi um acontecimento inesquecível, tanto para carnavalescos, imprensa, integrantes e admiradores do bloco e para os leopoldenses. O entusiasmo foi destaque na edição de nº295, da Revista Rua Grande, de 27 de fevereiro de 1971:

Caubi! Caubi!

Assim gritou o grande público às 2h15 da madrugada de quarta-feira, quando o bloco-tri, “Os Cobras” entrou no Orpheu, com Cauby Peixoto à frente. Palmas, gritos, sassarico, era a apoteose dada pelo imenso público ao bloco que, pelo terceiro ano consecutivo, ganhou o carnaval na Borges. Cauby trajado de marinheiro, sorria, cantava, era abraçado por foliões e folionas. O público levantou, subiu em mesas e cadeiras. Ouvia-se o retinir dos pandeiros, a descontração dos reco-reco e a marcação dos tamborins. Fotógrafos, gravadoras e microfones apanharam tudo.⁶⁴

A partir do tricampeonato, o bloco começou a ter relevância para além das fronteiras sulistas, como ressalta Arci Rodrigues:

A gente começou a ter uma projeção nacional, o que fez uma empresa de conhaque, na época, usar uma camisa oficial do Bloco com o logotipo novo em

⁶³ RODRIGUES, Arci. *Arci Rodrigues*: depoimento [jan. 2015].

⁶⁴ Revista Rua Grande, 1971, p. 1.

uma campanha publicitária, veiculada na Revista Cruzeiro, o que foi motivo de orgulho para todo mundo.⁶⁵

Desde 1994 o bloco não desfilava em terras leopoldenses, só mantinha as atividades nos carnavais de clubes em Porto Alegre, visto que possuía uma sede no Teresópolis Tênis clube. Mas, conforme Rodrigues, o bloco voltou às origens. “Este foi o quarto ano seguido (2014) que voltamos a desfilar em São Leopoldo. Reunimos uma gurizada, cerca de 560 da burguesia, filhos de ricos da cidade, e voltamos em parceria com o bloco do El Gato.”

A partir destes relatos dos partícipes dos antigos e tradicionais blocos, movimenta-se uma gama de sentimentos que remete a memória e lembranças passadas por estes precursores, assim, possibilita com que todos, atualmente, entendam singularidades da folia carnavalesca em um tempo pretérito em São Leopoldo e que carregava consigo um lastro de emoções e sensibilidades que se traduzia para muitos dos moradores da cidade em orgulho.

Para Rodrigues “Os Cobras” era um estado de espírito, pois todos que saíam no bloco(brancos e negros) gostavam muito de samba e de carnaval. As lembranças trazidas à tona nos permitem ter uma ideia da importância do bloco e sua representação para a localidade de São Leopoldo, o berço da colonização alemã que se tornou também o berço do bloco carnavalesco tricampeão. No entanto, Os Cobras não estavam sozinhos na construção da história carnavalesca local, outro bloco foi fundamental na região, Os Dragões.

Os Dragões: a fera da alegria

Foi em meados dos anos 1950 que surgiu um dos blocos carnavalescos mais importantes do Vale dos Sinos. Período singular da folia na região, uma vez que o carnaval ocorria nos clubes, conforme já referido, permaneceu por um longo tempo elitizado por influência das grandes cidades do país, passando pelos bailes de sociedades e os exuberantes desfiles do Corso. Entretanto, neste período ele se desloca para as ruas e se torna mais popular. Neste contexto, em 1958, na Sociedade Ginástica São Leopoldo, surge “Os Dragões”, o maior rival de “Os Cobras”.

Todo o brilhantismo da fera da alegria foi idealizado por associados da Sociedade Ginástica São Leopoldo, tendo como fundadores: Marco Aurélio Kuner, Luís Kuner, Gilberto Backes, Gildo Maciel e Adroaldo Britz entre outros, conforme as lembranças do senhor Luiz Carlos Vargas, popular “Seu Tico”, um dos mais antigos integrantes, que permaneceu nos Dragões de 1971

⁶⁵ RODRIGUES, Arci. *Arci Rodrigues*: depoimento [jan. 2015].

a 1994. Surgia outra “fera” para disputar o carnaval local e de Porto Alegre com “Os Cobras”, a rivalidade estava colocada desde o primeiro momento, posto que a escolha do nome Dragões e as cores azul e branco estabelecia uma disputa cada vez mais acirrada a cada carnaval. Em meio a este cenário quem saiu ganhando foi principalmente a cidade de São Leopoldo que acolhia duas entidades carnavalescas de expressão relevantes do samba e do carnaval na região do Vale dos Sinos.

Luiz Carlos Vargas, “Seu Tico”⁶⁶ aponta a importância do bloco carnavalesco: “Em 1986, quando disputamos em Porto Alegre a competição do Estado, da qual somos tricampeões no quesito bloco, éramos considerados uma escola de samba pela grandiosidade que desfilávamos na avenida”. A participação do bloco entre as principais agremiações do Estado, na competição realizada na capital gaúcha, consta na matéria do Jornal Zero Hora de 1988, no Caderno Carnaval. Por muitos anos, o bloco “Os Dragões” foi o único representante de São Leopoldo e do Vale dos Sinos no concurso, sendo o primeiro bloco carnavalesco do interior, a sagrar-se campeão do Estado. Como destaca a edição de nº 238, da Revista Rua Grande, de 24 de julho de 1970:

Fevereiro, 1967. Terça, 13 horas. A atenção dos foliões estava voltada para o ‘Correspondente Renner’, da Rádio Guaíba. E, por fim, o grande momento. O locutor anunciava os vencedores do carnaval de rua de Porto Alegre: “Categoria cordões de sociedade. Campeão, ‘Os Dragões’, da Sociedade Ginástica de São Leopoldo”. Era o feito até então inédito. Era “Os Dragões o primeiro bloco do interior gaúcho a ganhar o título de campeão do Estado”.⁶⁷

“Seu Tico” lembra com emoção o que este período representou para ele como sambista e para sua família.

Dentro dos Dragões eu fiz fantasia, comecei na bateria. E uma da série de coisas que marcaram muito, foi que eu vi se criar dentro dos Dragões os meus filhos. Eles trabalharam muito [...], fico até emocionado em falar, mas eles aprenderam tudo de carnaval. Muita gente diz ‘está ali porque é da família’. Não! Ali eu tenho muito orgulho em falar, porque ali eu tinha uma passista, que aprendeu dentro da escola e se criou ali dentro e aprendeu! [...]. Meu guri foi intérprete. Tem que ir para dentro da escola e gostar. O que eles estavam fazendo ali, eles sabiam [...].⁶⁸

⁶⁶ Luiz Carlos Vargas: Popular “Seu Tico” atuou junto aos Dragões por mais de 20 anos. Depoimento [jun. 2013].

⁶⁷ Revista Rua Grande, 1970, p. 4-5.

⁶⁸ VARGAS, Luiz Carlos. Luiz Carlos Vargas: depoimento [jun. 2013]. Entrevistador: Leonardo Soares da Rosa. Novo Hamburgo, RS, 2013.

A magia do samba e as histórias contadas na avenida também ficaram na mente do sambista. Ele destaca os três grandes enredos que marcaram época e que deram um impulso para o bloco: “Prata seu Esplendor Maior, 25 anos dos Dragões”, “Quem foi Rei sempre será Majestade” e “Quem viver verá”. Os Dragões inovaram muito na época e tinham diversos destaques individuais, começando pelo coração do bloco, a bateria.

Em 1986 para o concurso na bateria nós tivemos o grande Neri “Caveira”⁶⁹, meu compadre, o maior de todos os mestres de bateria do Rio Grande do Sul e do Brasil, porque ele regia mais de 300 ritmistas sem apito. E até hoje não tem substituto à altura do talento dele no samba do Estado.⁷⁰

O depoente ao apresentar uma imagem/fotografia de Neri Caveira aciona recordações sobre o mestre e sua habilidade no comando de diversos instrumentos musicais característicos do carnaval carioca, como o surdo, o repenique e o tarol. Em sua maioria os ritmistas identificados na fotografia eram negros, mostrando a participação e representação no bloco e na festividade carnavalesca local. A imagem com sua capacidade evocativa⁷¹ possibilitou que Seu tico trouxesse à tona recordações envoltas por sentimentos em relação à história e trajetória do bloco carnavalesco.

O bloco construiu uma história de conquista e de relevância na festa carnavalesca em âmbito local e regional. No ano de 1968, “Os Dragões” receberam o Título Municipal e Estadual. De acordo com as lembranças do depoente, “Seu Tico”, em 1983⁷², o bloco saiu da área recreativa da Sociedade Ginástica São Leopoldo e passou a se organizar como escola de samba, em 1986. Desta forma, surgia a Sociedade Recreativa Cultural e Beneficente “Os Dragões”. A nova organização não passou despercebida pela imprensa local que destacou o “grande passo” dos Dragões.⁷³ A matéria ressaltava o pioneirismo e ousadia dos representantes de “Os Dragões” em seguir uma tendência nacional, ou seja, sair da condição de bloco e virar escola de samba.

⁶⁹Neri “Caveira” Gonçalves, grande instrumentista, arranjador, ritmista e mestre de bateria do carnaval gaúcho, falecido em 2004, aos 59 anos. A influência dos sambistas do velho Areal da Baronesa determinou seu caminho. Foi campeão em quase todas as agremiações onde comandou baterias: Gondoleiros, Os Dragões, Império da Zona Norte, Nonoi, Vagalumes do Amor e Imperadores do Samba. Mestre Neri Caveira dá nome ao recuo da bateria no Porto Seco. Disponível em: <<http://imperadoresdosamba.com.br>>. Acesso em: 01 mai. 2015.

⁷⁰Ibidem

⁷¹PESAVENTO, op. cit.

⁷²Os Dragões 1983 e 1984 ganharam o campeonato na categoria visitante em Porto Alegre

⁷³Revista Rua Grande, 1985.

Exaltando a importância de representar o povo leopoldense no concurso estadual, Marco Kunert, presidente do bloco carnavalesco na época, justifica a mudança. Segundo Kunert, “Os Dragões”, em 1986, era uma escola de samba, integrando o terceiro grupo que desfilava em Porto Alegre. Kunert reforça o orgulho de representar São Leopoldo no concurso e segundo entrevista publicada na Revista Rua Grande com o apoio da comunidade leopoldense:

Esperamos entrar na avenida sempre com o maior brilho no carnaval gaúcho, onde já obtivemos vários títulos. Aqui em São Leopoldo vamos desfilar *Hors Concours*, pois jamais nos negaremos a desfilarmos para o nosso público leopoldense, que sempre nos deu o melhor aplauso [...].⁷⁴

Esta trajetória de glórias também foi marcada por momentos muito difíceis. Com o avanço e a profissionalização do Carnaval, alguns blocos e escolas de samba sucumbiram com o tempo. Momentos vivenciados e que ficaram registrados memória, de nosso depoente:

E foi em 1994, como não tínhamos sede própria decidimos parar. A diretoria se reuniu e decidimos parar, porque infelizmente hoje só ‘Os Dragões’ não sai, porque não tem quadra. Uma escola de samba tem que funcionar como uma empresa. Tem que fazer eventos para as pessoas frequentarem e ter renda. Atualmente eu trabalho como diretor de Carnaval em outras escolas.⁷⁵

Mesmo afastado da “fera” da alegria do carnaval, seu “Tico” comemora seus anos de avenida, e enfrentado alguns problemas de saúde, mostra garra e amor pelo samba, sua grande paixão: “Eu tenho 52 anos de avenida, sem parar. Mesmo safenado eu saio com a Imperatriz Leopoldense. No ano que eu saí do hospital eu passei pela União da Vila. E no outro ano, meti mais uma ponte (safena) e saí na Imperatriz Leopoldense.”⁷⁶

Considerações finais

As narrativas apresentadas acionaram o recordar de indivíduos que vivenciaram momentos importantes do carnaval na cidade de São Leopoldo, região do Vale dos Sinos (RS). Em suas lembranças nossos depoentes trazem à tona elementos importantes para pensarmos acerca de questões sociais pungentes na sociedade brasileira como os espaços sociais diferenciados nos clubes e sociedades, a exclusão social e o racismo.

⁷⁴ Revista Rua Grande, 1985, p. 15.

⁷⁵ VARGAS, Luiz Carlos. *Luiz Carlos Vargas*: depoimento [jun. 2013].

⁷⁶ VARGAS, Luiz Carlos. *Luiz Carlos Vargas*: depoimento [jun. 2013].

A história oral, nesse sentido, apresenta-se como um instrumento privilegiado no sentido do olhar diferenciado que permite uma redefinição de posições e certezas essenciais à investigação, sendo parte integrante e reveladora das experiências e memórias coletivas e individuais que possibilitam o recontar de fatos e acontecimentos.

As narrativas orais permitem uma reflexão e um olhar diferenciado do passado, garantindo uma dinamicidade aos acontecimentos que emergem através das pessoas que vivenciaram os fatos ou que tenham conhecimento deles. A história oral como ferramenta de pesquisa, aliada a documentos tradicionais, permite “colocar um olhar diferente sobre o que todos já pensavam conhecer”, ajudando a “escavar verticalmente as camadas descontínuas do passado a fim de trazer à luz fragmentos de ideias, conceitos, discursos já esquecidos e aparentemente desprezíveis para, a partir destes fragmentos, compreender as epistemes antigas.”⁷⁷

A necessidade de recorrermos a testemunhos, segundo Halbwachs, reforça e completa o que sabemos de um acontecimento sobre o qual possuímos alguma informação, mas que ainda permanece obscuro em muitos aspectos. Para o autor, a memória resultante dos testemunhos é o resultado da interação social e, nesse sentido, propõe analisar os seus “quadros sociais” na perspectiva de que a lembrança individual passe a relacionar-se com os grupos e instituições das quais o depoente faz parte.⁷⁸

A experiência sobre a constituição dos blocos carnavalescos “Os Cobras” e “Os Dragões” nos permitem o acesso a um tempo pretérito com sua complexidade social e a evocação da memória dos carnavalescos e sua relação com as festas carnavalescas da cidade expõe ou omite aspectos importantes para a construção de uma história e de(re) construções e (re)significações de identidades.

O carnaval em São Leopoldo, a exemplo de outras localidades em âmbito regional e nacional apresenta sua dialética que consiste em significados sociais, já que como um fenômeno cultural é revestido por dimensões sócio-políticas e econômicas. Neste sentido, os blocos carnavalescos apresentados neste estudo fazem parte da bricolagem sócio cultural relevante para a localidade de São Leopoldo, visto que se tornaram representantes da cidade em diferentes espaços, e principalmente nos concursos e campeonatos carnavalescos.

⁷⁷ VEIGA-NETO, Antônio. (org.) *Crítica Pós-Estruturalista e Educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995. P.19

⁷⁸ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 1990.

A trajetória das agremiações e sua mobilização por visibilidade e espaço na comunidade local foi de extrema relevância, pois contribuiu para a popularização e o surgimento de novos blocos na localidade leopoldense e na região dos Sinos haja vista o incentivo à folia carnavalesca em São Leopoldo e a influência na formação das escolas de Samba na localidade dentre as quais podemos destacar: a Sociedade Cultural Acadêmicos do Rio Branco (1982), a Sociedade Cultural Beneficente e Carnavalesca Império do Sol (1988) e a Sociedade Recreativa Cultural Beneficente Imperatriz Leopoldense (1995).

Os dois blocos a partir de seus carnavalescos e integrantes foram fundamentais na luta para a profissionalização do carnaval e para a organização de uma associação (fundada em 2001) que representasse as escolas de samba e os carnavalescos da região. Neste sentido, é importante destacar que a festa carnavalesca e sua preparação exigem, além da simpatia e do amor pela “brincadeira”, mobilização, organização, dedicação e esforço coletivo em um cenário envolto por lutas, negociações e conflitos.

As narrativas neste estudo, não devem ser entendidas como verdades absolutas, posto que o narrar e o recordar de cada indivíduo carrega uma gama de subjetividades, entretanto, a narrativa sempre aciona e relaciona passado e presente com sua multiplicidade de experiências individuais e coletivas ofertando um sentido para a construção social da realidade. Sendo assim, ao recordar sobre diferentes momentos da festa carnavalesca as narrativas trazem à tona elementos fundamentais sobre um fenômeno cultural e sua relação com diferentes atores sociais e a cidade de São Leopoldo.

Artigo recebido para publicação em 13/05/2017

Artigo aprovado para publicação em 02/06/2017